

## INTRODUÇÃO AO LIVRO DE JÓ

*Luciano R. Peterlevitz<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> *Luciano Robson Peterlevitz é professor de Antigo Testamento no Seminário Batista de Campinas. Mestre e Doutorando em Ciências da Religião, na área de Bíblia, pela Universidade Metodista de São Paulo. É pastor na Missão Batista Vida Nova, em Nova Odessa/SP.*

## INTRODUÇÃO

É curioso que, em nossas Bíblias, o livro de Jó vem imediatamente após Ester.<sup>2</sup> Parece que há um sentido nessa ordem. Em Ester, Deus não é mencionado. Permanece oculto. Em Jó, Deus é mencionado no início do livro, mas permanece oculto durante o debate entre Jó e seus amigos, manifestando-se somente no final da obra. Ora, se em Ester Deus parece não agir, em Jó Ele demora a agir. Mas o princípio permanece: mesmo quando parece que Deus está ausente, na verdade, Ele está presente na entrelinhas da história (Ester); e mesmo quando parece que Ele demora a intervir no sofrimento humano, Ele certamente o fará (Jó). Mas, a despeito da ação divina do fim do livro de Jó, permanece suspensa a dúvida sobre a razão do sofrimento do justo. Na verdade, se evidenciará que o livro de Jó caminha pelos mistérios do agir divino. Pela experiência de Jó, aprendemos que o agir de Deus transcende a rotina sugerida por teologias ou ideologias humanas.

A grande pergunta do livro de Jó é: *Por que o justo sofre?* A partir desta, surgem outras questões: o sofrimento do justo seria uma prova da injustiça divina? Todo sofrimento é resultado de algum pecado? Por que os ímpios prosperam? Então, na tentativa de entender o sofrimento, muitas respostas vão aparecer no livro, da boca dos amigos de Jó e do próprio Jó. Será que tais respostas são falsas ou verdadeiras? Caminharemos com Jó, para juntos entendermos o propósito divino do sofrimento.

---

<sup>2</sup> Na *Bíblia Hebraica*, o livro de Jó segue o livro dos Salmos.

## 1.1 ANÁLISE GERAL

### 1.1.1 TÍTULO

Como Rute e Ester, o título do livro é uma homenagem ao herói da história, Jó. Há duas probabilidades para o significado do nome “Jó”:

1. A palavra hebraica 'yyob, “Jó”, oriunda-se do termo 'ebah, “inimigo”. Daí, 'yyob pode significar “odiado”, ou “perseguido”. Esse termo relaciona-se com a história de Jó, que sofreu nas mãos de Deus. “Pode haver um jogo de palavras quando Jó lamenta ser ‘inimigo’ de Deus (13.24).”<sup>3</sup>

2. Mas, outra probabilidade é que 'yyob proceda do árabe, e que seja derivado de um verbo cujo sentido seja “voltar”, sugerindo um arrependimento. É exatamente isso que se observa no livro: Jó acusou Deus (19.6), mas depois se arrepende (42.2-6). Como o pano de fundo da história de Jó relaciona-se com o norte da Arábia, parece-me que o sentido árabe seja o correto.

### 1.1.2 AUTORIA E DATA

Os estudiosos estão bastante divididos quanto à autoria do livro de Jó. O maior consenso entre os eruditos é a impossibilidade da indicação de um autor conhecido. O *Talmude* babilonense sugere que Moisés escreveu a história de Jó quando esteve em Midiã, por volta de 1445-1405 a.C. Entretanto, outros defendem que o autor do livro é Salomão. São os casos de Franz Delitzsch e Eduard J. Young. Essa opinião é interessante, se considerarmos que a época salomônica foi marcada pelo florescimento da literatura sapiencial.

Há de se considerar que no livro encontram-se vários elementos de uma época patriarcal, que sugerem a antiguidade da história de Jó:

- 1) O texto não menciona nenhuma das grandes instituições cúlticas de Israel (sacerdócio ou santuário); antes, Jó é o próprio sacerdote da casa (1.5), como na era patriarcal.
- 2) Não há nenhuma referência à Torá.
- 3) A riqueza de Jó é medida como as de Abraão e Jacó (1.3; cf. Gn 12.16; 32.5).
- 3) Jó viveu aproximadamente 200 anos (Jó 42.16,17; 60+ 140 anos). Essa idade era comum na era patriarcal (Abraão, 175 anos – Gn 25.7; Isaque, 180 anos – Gn 35.28; e Jacó, 147 anos – Gn 47.28).
- 4) A terra de Jó estava sujeita às invasões de grupos tribais. Conforme registros textuais de Ugarite, tais invasões eram bem comuns no início do segundo milênio a.C.
- 5) Jó é mencionado juntamente com Noé, em Ez 14.14, 20.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Lucy Yamakami. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.514.

<sup>4</sup> Provavelmente o “Daniel” mencionado por Ezequiel é um personagem desconhecido, da época patriarcal. Talvez seja o mesmo personagem mencionado nos antigos textos de Ras Shamra (1400 a.C.).

Entretanto, apesar de tais arcaísmos apontarem à antiguidade da história de Jó, eles não são conclusivos quanta à composição e redação final do livro.

Na verdade, a tese da autoria do livro está intrinsecamente relacionada à questão da forma literária do livro. Por uma simples leitura do texto, percebem-se duas formas literárias:

Narrativa: 1.1 – 2.13; 42.7-17 (sendo 1.1 – 2.13 o *Prólogo*, e 42.7-17 o *Epílogo*).

Poesia: 3.1 – 42.6.

Segundo muitos comentaristas, há disparidades entre essas partes. Por exemplo, o Jó da prosa, paciente, não é o mesmo Jó da poesia, rebelde e questionador. Por essa e outras razões, será que a parte poética foi inserida na narrativa por um redator do livro? Ou, à narrativa foi acrescida a parte poética? Sem dúvida, “o problema literário de Jó é uma das questões mais difíceis da crítica bíblica.”<sup>5</sup>

É verdade que há grandes diferenças literárias entre a parte narrativa e a poética. Mas também há semelhanças. Samuel Terrien analisa uma série de termos hebraicos que aparecem no prólogo e no epílogo, e são recorrentes na parte poética.<sup>6</sup> Por exemplo, o termo *tam*, “íntegro”, aparece em 1.1 (fora de Jó, somente em Gn 25.27; Sl 64.5; Pv 29.10), e também no corpo poético: 8.20; 9.20-22. Segundo Terrien, existe parentesco lexicográfico entre a narrativa e a poesia. Mas, devido às explícitas diferenças existentes entre essas partes, Terrien advoga que “essas afinidades sugerem que o poeta fundou sua obra na narração”.<sup>7</sup>

Muitos comentaristas inclinam-se a datar a parte prosaica de Jó no período do pós-exílio. Isso se deve principalmente pela menção de *hassatan* (“o adversário, ou Satanás), no prólogo. Supostamente o *Satan* seria uma personagem com destaque no pós-exílio, como se lê em Zc 3.1. Junto com o artigo, o termo *satan* não indicaria mais “um adversário”, mas “o adversário” (*hassatan*). Entretanto, para Terrien, esse é um argumento insuficiente. O comentarista data a narrativa de Jó 1-2 e 42.7-17 numa época anterior ao século 6º a.C., pois<sup>8</sup>:

- 1) A narrativa relaciona-se literariamente com 1Rs 22.19-23, um texto datado do século 9 a.C., e que descreve uma cena na corte celeste, à semelhança da prosa do livro de Jó.
- 2) A narrativa tem o mesmo estilo dos textos prosaicos que narram a história de Samuel e Saul, supostamente escritos por volta do século 10 a.C.
- 3) O pano de fundo edomita da história de Jó dificilmente teria tido uma aceitação na época do exílio e pós-exílio. Pois nesse contexto, os edomitas, que contribuíram com a invasão babilônica no século 6º a.C., eram hostilizados pelos judáitas.

---

<sup>5</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1994, p.21 (Coleção grande comentário bíblico).

<sup>6</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.25.

<sup>7</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.26.

<sup>8</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.26-27.

4) A narrativa apresenta os caldeus como nômades (1.17), uma realidade bastante inconcebível no século 6º a.C., quando os caldeus comandavam o poderoso império neo-babilônico.

Assim, Samuel Terrien conclui: “Inclinamo-nos, portanto, a propor que o poeta – que não pode ter vivido antes do séc. VI a.C. – tomou como ponto de partida de sua obra uma narração folclórica de caráter ‘clássico’, em forma quase inalterável já há várias gerações.”<sup>9</sup>

Para Terrien, a parte poética, especificamente os caps. 3 – 31, pode ser datada no século 6º a.C., alguns anos depois da queda de Jerusalém (587 a.C.). Embora não sejam mencionados os fatos históricos dessa época, “os inúmeros pontos de contato com a literatura profética, sálmica e sobretudo jurídica mostram que o poema pertence ao período mais brilhante da vida literária do hebraísmo bíblico”.<sup>10</sup>

Segundo Ivo Storniolo, o texto poético responde às crises dos judaítas espoliados pelo exílio babilônico. Então, o poeta valeu-se de uma antiga história (o autor a chama de “lenda”), narrada nos caps. 1-2, e inseriu nela uma longa discussão poética, que se inicia em 3.1 e termina em 42.6.<sup>11</sup> Storniolo acredita que a parte final do livro (42.7-17) foi acrescentada no pós-exílio: “Parece que no pós-exílio a perspectiva apontada pelo autor de 1.1 – 42.6 soava muito cruel. Então, curiosamente, o final da lenda (42.7-17), que o autor havia rejeitado, é novamente acrescentado, contradizendo tudo o que está dito em 3.1 – 42.6.”<sup>12</sup> Embora Storniolo chame a história de Jó de “lenda”, a historicidade do herói é afirmada em outros textos bíblicos (Ez 14.14,20; Tg 5.11).

Outros pensam que o livro como um todo situa-se “na época posterior ao exílio, num momento em que a obsessão pela sorte da nação é substituída pela preocupação com o destino dos indivíduos.”<sup>13</sup> Sugere-se, assim, que a composição do livro ocorreu no início do século V a.C.

Será que Jó representa o povo de Judá exilado no 6º século? Para Solano Rossi, o autor do livro dirige-se aos exilados da Babilônia.<sup>14</sup> É verdade que os exilados na Babilônia poderiam muito bem ser identificados com o sofrimento de Jó. Mas o contexto do nosso personagem “é muito diferente do Israel do século VI para se fazer uma correlação próxima. É mais natural que o livro insista na inocência absoluta de Jó e a vindique no final. O mesmo não podia ser dito de Israel.”<sup>15</sup>

Lasor, Hubbart e Buch sugerem que a prosa é antiga, de um período anterior a 1000 a.C.<sup>16</sup> Já a parte poética do livro supostamente é de uma época posterior, devido suas afinidades com outros livros do Antigo Testamento. “Muitos temas de Jó aparecem em

---

<sup>9</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.27.

<sup>10</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.29.

<sup>11</sup> STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Jó – O verdadeiro desafio da verdadeira religião*. 4ª Edição. São Paulo: Paulus, 2005, p.09 (Série Como Ler a Bíblia).

<sup>12</sup> STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Jó – O verdadeiro desafio da verdadeira religião*, p.10.

<sup>13</sup> *Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, revista e ampliada*. 5ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2008, p.801.

<sup>14</sup> SOLANO ROSSI, Luis Alexandre. *A falsa religião e a amizade enganadora*. São Paulo: Paulus, 2005, p.14.

<sup>15</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, São Paulo, Editora Vida, 2006, p.365.

<sup>16</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.515.

Isaías 40-55, e há uma afinidade especial entre Jó e o retrato do servo sofredor de Isaías.”<sup>17</sup> À parte poética, os autores supracitados sugerem uma data entre 700 e 600.

Assim, para muitos comentaristas, a dualidade literária (prosa – poesia) no livro de Jó sugere uma multiplicidade de autores e épocas diferentes. Entretanto, a intercalação entre prosa e poesia era bastante comum no mundo antigo, conforme se verifica em diversos textos egípcios e mesopotâmicos.<sup>18</sup>

Na verdade, uma análise da estrutura do livro apontará para uma unidade literária, conforme verificaremos abaixo. Mas, antes de considerar a estrutura textual, convém mencionarmos outras partes do livro que supostamente não são originais ao livro de Jó:

1) O hino à sabedoria (cap. 28). O conteúdo teológico deste capítulo é bem distinto dos discursos de Jó, registrados nos caps. 27 e 29.

2) Os discursos de Eliú (caps. 32-37). Eliú não é mencionado em nenhum outro lugar do livro, nem sequer na repreensão de Javé, em 42.7-9. “Enfim, o vocabulário e o estilo são bastante diferentes e os aramaismos são muito mais freqüentes do que em outros lugares.”<sup>19</sup> Um comentarista chega a comparar “Eliú a um jovem fanático pelo teatro, que entra num teatro vazio e finge participar de um drama depois de todos os atores terem ido embora.”<sup>20</sup>

3) Os discursos de Javé ( caps. 38 – 41). Supostamente os discursos de Javé têm um caráter impostor na obra, pois as perguntas de Deus não respondem aos questionamentos de Jó.

De fato, é difícil identificarmos o autor e a época de composição do livro de Jó. Pode muito ter sido escrito por Moisés, Salomão, Jeremias, ou mesmo pelo próprio Jó. Ressalta-se que o silêncio autoral do livro não incide sobre a inspiração e a teologia do mesmo. De qualquer forma, uma análise da estrutura literária do livro demonstra a unidade da obra. Vejamos.

### 1.1.3 ESTRUTURA

O livro de Jó é bem melhor compreendido como uma unidade dramática. Isso é facilmente percebido por sua estrutura literária.

Para Norman C. Habel, há tres movimentos na literatura de Jó, sendo cada qual dependentes entre si: 1.1 – 2.10; 2.11 – 31.40 e 32.1 – 42.17.<sup>21</sup>

O primeiro momento do drama prenuncia os acontecimentos subsequentes, narrados no segundo movimento (2.11- 31.40). A grande questão levantada no primeiro movimento é se Jó serve a Deus por gratuidade (Jó 1.9). Assim, argumenta Habel, um confronto entre Javé e Jó é prenunciado no primeiro movimento. Isso está de acordo

---

<sup>17</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.515.

<sup>18</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1989, p.26-27. Veja também PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.430-431.

<sup>19</sup> *Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, revista e ampliada*. 5ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2008, p.801.

<sup>20</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.48, citando S.B. Freehof.

<sup>21</sup> HABEL, Norman, *The book of Job – A commentary*. Philadelphia: Westminster Press, 1985, p 27-35.

com a tradição do Antigo Oriente Médio, que, com suas narrativas semelhantes a de Jó, segue um roteiro que se inicia com o sofrimento do justo, segue-se com a disputa entre o herói e a divindade, e termina com a restaruação do herói.<sup>22</sup> Se afirmada a separação entre o texto poético e o narrativo, como sugerem muitos comentaristas, haveria uma incompletude no texto.

Segundo Habel, o segundo movimento (2.11 – 31.40) alimenta a expectativa se Jó morrerá, como havia sugerido sua esposa (2.9), ou se outro destino o aguarda.<sup>23</sup>

O segundo movimento, dessa forma, também prenuncia o terceiro. Isso também é evidenciado por outros elementos: a repreensão de Javé aos amigos de Jó (42.7-9) já havia sido esperado pelo próprio Jó (13.7-13), e a intercessão de Jó por seus amigos (42.10) já havia sido anunciada ironicamente por Elifaz (22.30).<sup>24</sup>

Lasor, Hubbart e Buch também defendem que a unidade do livro de Jó é fundamental para a compreensão geral da obra. Há uma estrutura bastante concisa, que faz com que cada parte dependa do todo. Os autores sugerem a seguinte estrutura<sup>25</sup>:

I.	Prólogo (prosa)	caps. 1-2
II.	Conjunto de Discursos (poesia)	caps. 3 – 42.6
	A. Diálogo	caps. 3 – 28
	1. Lamento de abertura de Jó	cap. 3
	2. Diálogo entre Jó e os amigos em três ciclos	caps. 4 – 27
	Elifaz (Jó responde a cada um)	caps. 4 – 5; 15; 22
	Bildade	cap. 8; 18; 25
	Zofar	cap. 11; 20
	3. Poema de sabedoria	cap. 28
	B. Série de Discursos de uma Pessoa	caps. 29 – 41
	1. Jó alega inocência	caps. 29 – 31
	2. Discursos de Eliú	caps. 32 – 37
	3. Discursos de Javé com resposta de Jó	cap. 38 – 42.6
III.	Epílogo (prosa)	42.7-17

Lê-se que o Diálogo está moldurado por dois discursos de Jó (cap. 3, um lamento de Jó; e o cap. 28, um hino que versa sobre a sabedoria). Cada qual dos amigos de Jó toma a palavra três vezes, sendo que Zofar fala somente duas vezes. Ao Diálogo segue-se a série de Discursos, sendo que a primeira série é o último discurso de Jó.

Os discursos de Eliú preparam caminho para os dois últimos discursos do livro, procedentes de Javé. Pois Eliú prepara caminho para a vinda de Deus (37.22). Ele é bem diferente dos demais amigos de Jó, pois não foi repreendido por Javé (42.7). Ademais, os aramaismos encontrados em Jó 32 – 37, longe de apontar uma data posterior, podem

<sup>22</sup> HABEL, Norman, *The book of Job – A commentary*, p.29.

<sup>23</sup> HABEL, Norman, *The book of Job – A commentary*, p.30.

<sup>24</sup> HABEL, Norman, *The book of Job – A commentary*, p.33.

<sup>25</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.516-517.

muito bem ser “explicados simplesmente como outro meio usado para dar a Eliú um caráter diferente dos demais.”<sup>26</sup>

Os discursos de Javé são o clímax do livro. Seria difícil entender o livro de Jó sem esses discursos. Segundo Terrien:

*“O herói pediu a intervenção de Deus (31.35-37). É verdade, ele o fez com a finalidade de obter publicamente a proclamação divina de sua justificação. Desejou ardentemente o encontro com a divindade, mas segundo seus termos. Preparou-se para receber Deus como um príncipe apresenta as boas vindas de um igual (31.37).”<sup>27</sup>*

Mas quando Deus fala do meio da tempestade, evidencia-se uma grande desigualdade entre Deus e a humanidade. “Deus revela-se na Sua qualidade de oculto, um objeto de terror, de adoração e de amor. E Jó fica em pé diante dEle ‘como homem’ (38.3; 40.7), confiante e satisfeito.”<sup>28</sup> No fim do drama de Jó, Deus é Deus e o homem é homem.

O hino da sabedoria (cap. 28) também é muito importante na estrutura do livro. Este capítulo evoca a idéia de que a mente humana é incapaz de perscrutar os caminhos da sabedoria divina. “Aliais, esse é o resumo do livro até aqui: nem Jó nem os amigos encontraram a chave. Ao destacar a necessidade da ajuda divina (‘Deus lhe entende o caminho, e ele é quem sabe o seu lugar’, 28.23), ele apressa as expectativas em relação aos discursos proferidos do redemoinho (cap. 38).”<sup>29</sup> O capítulo 28 não faz parte do discurso de Jó, mas “é um comentário do autor, e quem fala é a pessoa contando a história, não uma das personagens da história”.<sup>30</sup> Henri de Ternay afirma que o capítulo 28 desempenha um papel muito importante de transição no conjunto narrativo do livro. Pois, a Jó, que tão sabiamente questionou a justiça divina em todo o livro, a autor do capítulo 28 dirige-se para mostrar-lhe que a verdadeira sabedoria vem pela revelação divina, e só pode ser encontrada por um coração humilde que teme a Deus (28.28). “O encontro com o dono da Criação, no seio da tempestade, será uma repetição desta passagem.”<sup>31</sup>

E a parte prosaica (1.1 – 2.13; 42.7-17), como está estruturada?

No Prólogo, logo após uma introdução histórica sobre a personagem (1.1-5), percebe-se que o texto desenvolve-se por duas entrevistas de Javé com Satanás: 1.6 – 2.13. Há, dessa forma, dois ciclos textuais<sup>32</sup>:

### **Ciclo 1**

Entrevista com Satanás  
(1.6-12)

As desgraças  
(1.13-19)

### **Ciclo 2**

Entrevista com Satanás  
(2.1-7a)

A aflição  
(2.7b,8)

---

<sup>26</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.50.

<sup>27</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.34.

<sup>28</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.14.

<sup>29</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.522.

<sup>30</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.51.

<sup>31</sup> TERNAY, Henri de. *O livro de Jó – Da provação à conversão, um longo processo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p.16 (Comentário Bíblico).

<sup>32</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.19.



A reação de Jó  
(1.20-22)

A reação de Jó  
(2.9-13)

Assim, há uma correspondência simétrica entre 1.6-22 e 2.1-13. Observa-se ainda uma relação entre esses capítulos com a última parte dos discursos poéticos (38.1 – 42.6). “A semelhança quanto à forma, entre a cena de abertura, em que Deus fala duas vezes a Satanás, e a cena final, em que Deus fala duas vezes a Jó, é importante como uma marca de integridade artística do tratamento.”<sup>33</sup> É importante lembrarmos também que o Epílogo também se estrutura em duas narrativas: 42.7-9 e 42.10-17.

Por último, perguntamos sobre qual a relação entre o Epílogo a o restante do livro de Jó. As duas narrativas dependem do diálogo poético. Pois, “Jó 42.7-9 refere-se à discussão com os três amigos que guardam silêncio no capítulo, e assim pressupõe algum tipo de diálogo no original.”<sup>34</sup> A segunda narrativa (42.10-17) é uma continuação da primeira, pois relata a restauração de Jó, na ocasião em que ele intercedeu pelos amigos em 42.7-9.

Portanto, cada um das partes do livro de Jó tem um papel dentro do conjunto maior da obra. Isolar as partes, e atribuí-las a autores diferentes, significa desconstruir a mensagem e a fantástica estrutura literária do livro.

#### 1.1.4 ESBOÇO

À luz das constatações acima, relativas às formas literárias do livro de Jó, sugiro, abaixo, um esboço para o livro. Por tal esboço pode-se compreender panoramicamente o livro de Jó:

- I. PRÓLOGO: Duas entrevistas de Javé com Satanás (1-2) - **Provação**
  - A. Primeira entrevista (1.6-22) -----*Jó submete-se*
  - B. Segunda entrevista (2.1-13) -----*Jó submete-se*
  
- II. DIALOGO: Discursos de Jó, de seus amigos e de Javé (3 – 41) - **Acusação**
  - A. Debate entre Jó e seus três amigos (3- 27)-----*Jó questiona*
    - 1. Primeiro ciclo de discursos (3-14)
    - 2. Segundo ciclo de discursos (15-21)
    - 3. Terceiro ciclo de discursos (22-27)
  - B. Discurso de Jó (28-31 - o cap. 28 é um interlúdio)-----*Jó justifica-se*
  - C. Discursos de Eliú (32-37)-----*Jó é repreendido*
  - D. Duas entrevistas de Javé com Jó (38 – 42)-----*Jó submete-se*

- III. EPÍLOGO: Jó recebe em dobro seus bens (42.7-17) – **Aprovação**

Vemos acima a relação entre as três partes do livro: Prólogo – Dialogo – Epílogo. Vemos que: Javé tem duas entrevistas com Satanás; Jó é provado duas vezes; Jó submete-se duas vezes; no final do livro, Javé tem duas entrevistas com Jó; este, mais

<sup>33</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.18.

<sup>34</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.41.

uma vez, submete-se duas vezes. No final, Jó recebe duas vezes a mais do que perdera. A íntima relação entre a prosa e a poesia comprava a unidade do livro.

## 1.2. CONTEÚDOS TEOLÓGICOS

### 1.2.1 Os ataques de Satanás a Jó

Após uma breve apresentação de Jó, em 1.1-5, a narrativa concentra-se nos ataques violentos de Satanás contra Jó.

#### *1º Ataque: 1.6-22*

Como um monarca preside uma assembléia através da qual seus servos lhe prestam relatórios, Deus coordena o trono celeste cercado de “filhos”, a saber, anjos. O texto observa que Satanás se apresenta a Javé entre os anjos (1.6). Satanás suscita uma dúvida sobre a gratuidade da devoção de Jó (1.9): será que Jó teme a Deus por motivação material? Será que Jó ama mais as bênçãos de Deus do que o Deus das bênçãos? Essa é a questão levantada por Satanás. Mas Javé aposta na integridade do seu servo Jó, e permite Satanás tocar nos bens e nos filhos do patriarca. Em 1.13-19, lemos a tragédia que subitamente parou sobre Jó. “São quatro mensageiros anunciando quatro desgraças (4=totalidade) que acabam com todos os bens de Jó: bois, mulas, ovelhas, camelos, empregados, filhos e filhas. De rico e próspero, Jó se torna pobre e sem futuro.”<sup>35</sup> Qual foi a reação de Jó? Vejamos:

- 1) Em primeiro lugar, ele “se levantou” (1.20).
- 2) Em segundo lugar, ele “rasgou o manto”. Este manto parece ser uma vestimenta usada por pessoas notórias. Ao rasgá-lo, Jó reconhece que perdeu a notoriedade financeira.
- 3) Em terceiro lugar, ele “rapou a cabeça”. Na Escritura, o cabelo é símbolo do valor do indivíduo. “Rapar a cabeça é, portanto, um símbolo da perda da glória pessoal.”<sup>36</sup> Neste caso, é um gesto de luto. Jó perdeu seus filhos, sua glória pessoal.
- 4) Em quarto lugar, Jó “prostrou-se no chão”, num gesto de adoração.
- 5) Em quinto lugar, ele orou (1.20). Em sua oração, Jó reconhece que veio nu ao mundo, e morrerá nu (cf. 1Tm 6.7,8). Nesse ponto, é oportuna uma observação de Charles R. Swindoll: “Nada temos ao nascer; nada temos ao partir. Tudo o que possuímos nesse intervalo nos é dado pelo Doador da vida.”<sup>37</sup> Tudo que temos é por empréstimo.

#### *2º Ataque: 2.1-10*

Na segunda cena, os “filhos de Deus” se apresentam novamente, e entre eles, Satanás mais uma vez se infiltra. Javé argüi o adversário, mostrando-lhe que Jó se mantém íntegro e reto (2.3). É notável que Javé declara que Satanás está provando Jó “sem motivo” (*Almeida Século XXI*), ou “por nada” (*Bíblia de Jerusalém*). O termo hebraico (*hinnam*) é o mesmo de 1.9, onde Satanás questionou se Jó serve a Deus “por nada”. Mas, já está provado que Jó teme a Deus independente das bênçãos de Deus. Realmente

<sup>35</sup> STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Jó – O verdadeiro desafio da verdadeira religião*, p.13.

<sup>36</sup> SWINDOLL, Charles R. *Jó – Um homem de tolerância heróica*. Tradução Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p.40 (Coleção heróis da fé).

<sup>37</sup> SWINDOLL, Charles R. *Jó – Um homem de tolerância heróica*, p.41.

ele serve a Deus “por nada”. Por isso, é inútil o inimigo tocar nos bens de Jó, uma vez que Jó continua sendo fiel a Deus. Então Satanás lança outro desafio: “Pele por pele” (2.4). Trata-se de um provérbio usado na permuta de couros de animais. O sentido parece ser este: assim como as peles eram trocadas num mercado, o homem cuja vida é ameaçada está pronto a trocar de lugar com outro em posição melhor. O ser humano está disposto a trocar tudo, inclusive sua devoção a Deus, por causa de sua vida. Essa era a crença de Satanás. Ele também acreditava que Jó certamente blasfemaria contra Deus, caso fosse tocado em seu corpo físico (2.5). Mas, mais uma vez, Javé confia em seu servo Jó, entregando-lhe nas mãos de Satanás para ser ferido.

É notável que Satanás não tenta Jó a pecados que firam a moral ou a ética, como imoralidade sexual, ódio, violência, etc. Antes, Satanás incita Jó a ser desleal a Deus. “A lealdade, a confiança e a fidelidade são a essência da piedade bíblica, as raízes de onde brotam todos os frutos da justiça. Satanás, seguindo seu padrão de sempre, buscou a raiz do problema: o relacionamento de Jó com Deus.”<sup>38</sup>

Em 2.7, lemos que Satanás feriu Jó com “feridas malignas”. O mesmo termo hebraico (*shehin*, “úlceras”, “feridas”) foi empregado para referir-se à sexta praga no Egito (Ex 9.9-11) e à doença de Ezequias (2Rs 20.7). A doença de Jó não pode ser diagnosticada com precisão. Mas, como um leproso, Jó foi obrigado a isolar-se num monte de cinzas (2.8). Possivelmente a referência diz respeito a um monte de lixo isolado da cidade ou aldeia.<sup>39</sup> Segundo Warren Wiersbe, o monte de cinza, sobre o qual Jó estava, era o lixão da cidade; ali estavam os maltrapilhos; os cães disputavam os restos de comida e os excrementos eram lançados ali. “O principal cidadão estava agora vivendo em pobreza abjeta e vergonha.”<sup>40</sup>

Apesar de tudo isso, Jó não blasfemou contra Deus (2.10). Jó afirma à sua esposa que, se recebemos o bem de Deus, também precisamos nos preparar para receber a desgraça. “O mal que vem de Deus não pode fazê-lo esquecer-se do bem que vem igualmente do mesmo Deus.”<sup>41</sup>

Ao lermos os capítulos iniciais do livro de Jó, somos confrontados com uma personagem maléfica: Satanás. Quem é ele, no livro de Jó? Nota-se que Satanás não é um dos “filhos de Deus”, mas se apresenta “entre” eles. O termo hebraico *satan*, acompanhado do artigo definido, é bem melhor traduzido por “o adversário”, e, à semelhança de Zacarias 3.1-2, não evoca ainda um nome próprio. Somente em 1Cr 21.1, um texto posterior ao de Jó, é que *satan* passa ser designativo de um nome pessoal. “Embora não exista razão para negar que o satã no livro de Jó seja realmente ‘Satanás’, é preciso reconhecer que os israelitas do período do AT provavelmente não sabiam da existência do chefe dos demônios, o satã por excelência.”<sup>42</sup> Portanto, numa fase tardia da revelação bíblica o termo *satan* tornar-se-ia uma designação a Satanás como um agente pessoal das forças malignas.

É curioso que Satanás só é mencionado no Prólogo (caps 1 –2). Sobre a omissão de Satanás no Epílogo, é oportuna uma nota de Lasor, Hubbart e Buch:

---

<sup>38</sup> LASOR, William S.; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.539.

<sup>39</sup> ANDERSON, Francis I. *Jó – introdução e comentário*, p.89.

<sup>40</sup> Citado por SWINDOLL, Charles R. *Jó – Um homem de tolerância heróica*, p.52.

<sup>41</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.72.

<sup>42</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, p.366.

*“Trata-se de um fator deliberado na mensagem do livro. Deus, e não Satanás, é soberano. O teste foi vencido. A história aponta para o futuro de Jó, não seu passado. Satanás não passa de um intruso no relacionamento entre Deus e Jó, conforme descrito no início e no fim do livro.”<sup>43</sup>*

Quando Jó pleiteia com Deus a razão de seu sofrimento, nem sequer menciona Satanás (caps. 3 – 31). Para Jó, quem causou seu sofrimento foi Deus, não Satanás. Parece que aí identificamos um conteúdo teológico. Pois, Satanás feriu Jó, mas com a permissão de Javé. A palavra final é de Deus. É por isso que Jó questiona Javé sobre a razão do sofrimento. É por isso que Satanás não é mais mencionado no livro. O poder está com Deus, e não com Satanás. Por isso, impressiona-me como muitas igrejas contemporâneas falem mais do Diabo do que de Deus. Talvez elas dêem mais poder a Satanás do que ele realmente tem.

### **1.2.2 Os três amigos de Jó**

Os três amigos de Jó são apresentados em 2.11-13. Quem são eles?

1) Elifaz é de Temã, uma conhecida região de Edom, habitada por sábios famosos (Jr 49.7, 20; Ez 25.13; Am 1.12; Ob 8, 9). Seu nome talvez significa “Deus esmaga”. Os discursos de Elifaz estão nos capítulos 4 – 5, 15 e 22.

2) Bildade, “o suíta”, possivelmente pertencia às tribos nômades de Suás, que moviam-se entre o Eufrates e a Transjordânia. O significado do seu nome é incerto: talvez tenha o sentido de “amor confuso”. Os discursos de Bildade estão nos capítulos 8, 18 e 25.

3) Zofar, “o naamatita”, é oriundo de Naamat, no nordeste de Arábia. Seu nome talvez signifique “pardal” ou “agulha pontuda”. Seus discursos estão nos capítulos 11 e 20.

Elifaz, Bildade e Zofar foram bastante solidários com o sofrimento de Jó, enquanto permaneceram calados. Mas, a partir do capítulo 4, resolveram falar. O grande problema dos amigos de Jó é que eles estão comprometidos com uma teologia da retribuição que, ao invés de consolar o sofredor, humilha-o e força-o confessar um pecado que não cometeu. Pois, segundo a teologia retributiva, todo sofrimento é resultado de algum pecado. É isso que eles afirmam: se Jó sofre, é porque cometeu algum pecado grave (cf. 4.7; 8.6; 11.14-15; 15.20; 18.5; 20.5; 22.5). Os amigos de Jó estão “mais preocupados em salvar a doutrina da retribuição do que em sofrer junto com Jó”.<sup>44</sup>

*“A mensagem básica de cada um é a mesma: um convite a que Jó se arrependa do pecado que deve ter causado seu sofrimento (Elifaz, 5.8; 15.12-16; 22.21-30; Bildade, 8.3-7; Zofar, 11.13-15). Ao fazê-lo, os consoladores terminam tentando Jó a buscar a Deus por interesse pessoal, e não pelo o que é.”<sup>45</sup>*

---

<sup>43</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.539.

<sup>44</sup> TERNAY, Henri de. *O livro de Jó – Da provação à conversão, um longo processo*, p.20.

<sup>45</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.518.

Nota-se que a teologia do livro de Jó se posiciona veementemente contra uma teologia da retribuição construída sobre fórmulas doutrinárias, que são conceituações universais a partir de fatos situacionais. Simplesmente porque os fatos situacionais não podem ser a regra para explicar o geral. A fórmula “todo sofrimento é resultado do pecado”, somada à outra, “todo justo será bem sucedido”, é altamente falaciosa. Pois não é verdade que todo justo esteja isento da angústia, bem como é altamente enganoso pensar que todo ímpio sofre mais do que o justo.

Na concepção mesopotâmica, a única solução para o sofredor era a confissão de seus pecados, ainda que estes fossem desconhecidos; assim procedendo, acreditava-se que as divindades eram apaziguadas. Nos diálogos do livro (caps. 3 - 27), percebe-se que Jó não cede a essa idéia, que, aliás, era articulada por seus amigos. “A última palavra de Jó nesses diálogos (27.1-6) mostra que é exatamente ao se recusar a reagir desta maneira que ele manteve sua integridade.”<sup>46</sup>

De fato, as Escrituras afirmam constantemente que o Senhor abençoará os que guardam a sua palavra, mas pesará sua mão contra os que se ostentam no direito de viver suas vidas longe da Sua vontade. No Novo Testamento lemos que, o que o homem planta, ele colherá. Entretanto, valhamo-nos das palavras de John H. Walton: “Não podemos explicar coerentemente a prosperidade ou adversidade individual.”<sup>47</sup> Este autor afirma corretamente que o princípio da retribuição “não serve para abordar questões de causa. Muitas vezes não podemos saber o que causa nosso sofrimento, mas podemos nos consolar com o fato de tudo estar nas mãos do Deus infinitamente sábio e soberano.”<sup>48</sup> Por isso, os três amigos de Jó estão equivocados.

### 1.2.3 Os discursos de Eliú

Eliú aparece inesperadamente no livro, e se distingue dos três amigos de Jó. Seus discursos estão registrados nos capítulos 32 – 37. Eliú é de Buz (32.2), possivelmente a mesma região mencionada em Jr 25.23, que localiza os buzitas entre as tribos árabes do deserto. O seu nome significa “ele é meu Deus”, e era muito comum na época dos juízes (1Sm 1.1; 1Cr 12.20; 26.7; 27.18).

O livro de Jó registra as falas dos amigos de Jó, sendo que cada qual proferiu três discursos. A exceção é Zofar, que tomou a palavra duas vezes. Entretanto, “Eliú pronuncia quatro discursos sem resposta. O anúncio de um discurso a mais em relação aos amigos o eleva acima deles.”<sup>49</sup> Jó não responde ao discurso de Eliú. Depois dele, só Javé fala, a partir de 38.1ss.!

Será que Eliú adere à teologia da retribuição, como os demais amigos de Jó? Parece que a resposta deve ser positiva, conforme 34.11, 37; 36.17. Mas:

*“...Eliú afirma o princípio da retribuição, mas rejeita seu corolário. Na sua opinião, o sofrimento pode ser preventivo ou punitivo. Ou seja, Jó não precisa ter cometido crimes horríveis; seu sofrimento pode ser a maneira de Deus de afastá-lo do caminho errado. Consequentemente, o sofrimento também pode ser a expressão da misericórdia divina.”<sup>50</sup>*

<sup>46</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, p.366.

<sup>47</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, p.369.

<sup>48</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, p.369-370.

<sup>49</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.524.

<sup>50</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, p.367.

Então, Eliú tem uma concepção do sofrimento bem diferente daquela apresentada pelos demais amigos de Jó. Para o buzita, o sofrimento é um dos meios pelos quais Deus ensino o ser humano (33.14-18), e sempre haverá um anjo mediador para restaurar a sorte do sofredor (33.23-25). Portanto, Eliú parece articular com a esperança de Jó (cf. 19.25). Assim, os discursos de Eliú não só preparam caminho para os discursos de Javé, mas também afirmam a grandeza divina (cf. 36.26) e a vinda de Deus (37.22), e, além disto, tais discursos apontam para o final do livro, quando Jó finalmente seria restaurado (33.28).

Ainda sobre Eliú, valhamo-nos das palavras de Andrew Hill e John Walton:

*“No prólogo, ele não seria mencionado por sua falta de posição social. Ao se apresentar no capítulo 32, ele deixa claro que não era um dos sábios reconhecidos; era um aluno se atrevendo a repreender seus professores pela falta de discernimento. O fato de Eliú não ser mencionado no epílogo pode ser explicado por ele não ter cometido nenhuma ofensa na resposta a Jó. Os outros amigos aconselharam Jó a confessar pecados desconhecidos ou irreais para amenizar a divindade irada. Eliú não interpretou mal a Deus, portanto não foi obrigado a dar satisfação.”<sup>51</sup>*

#### **1.2.4 Os discursos de Javé**

Os discursos de Javé (38.1 – 40.1; 40.6 – 41.26) formam o ápice do livro de Jó. O próprio Deus surge do meio de um redemoinho, a fim de mostrar a Jó que, a despeito do sofrimento humano, Ele (Deus) é o Criador de tudo e Soberano sobre toda a criação. No primeiro momento, Javé confronta a pequenez de Jó com a grandeza da criação (38.1 – 40.1). Jó não pode controlar absolutamente os elementos da natureza! No segundo momento, Javé reafirma sua soberania sobre a criação, sobretudo apontando seu poder sobre os elementos caóticos da natureza, inclusive sobre os animais mais ferozes e ameaçadores (40.15 – 41.34). Esse último texto menciona o *beemote* e o *leviatã*. Ou o primeiro animal é o hipopótamo e o segundo um crocodilo, ou ambos são “animais gigantescos já extintos, cujo tamanho e/ou ferocidade incomuns os fazia úteis como material mitológico para as religiões pagãs do antigo Oriente Médio e, como tal utilizados por autores mais recentes nos salmos e nos profetas.”<sup>52</sup>

É notável que haja uma diferença entre os animais do primeiro discurso e os animais do segundo discurso. No primeiro, os animais citados são bem mais conhecidos, e estão bem próximos do mundo habitado pelo homem. Mas no segundo discurso de Javé, os animais vivem em lugares mais longínquos, “no esconderijo dos canaviais e da lama” (40.21), ou nas profundezas do mar (41.31). Entretanto, o poder de Deus se estende sobre esses lugares longínquos. Portanto, o ápice do livro não é o sofrimento de Jó, mas a grandeza de Deus. Jó é instado a reconhecer sua incapacidade de intervir na natureza. “Assim os discursos de Deus de certo modo desviam o olhar de Jó dele próprio para a natureza que, embora acessível como experiência, não lhe é plenamente penetrável em suas causas (e está fora de seu poder de comando).”<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> HILL, Andrew E. & WALTON, J.H., *Panorama do Antigo Testamento*, p.358.

<sup>52</sup> PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.432.

<sup>53</sup> ZENGUER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*, Erich Zenger e outros autores, tradução de Werner Fuchs, São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.305 (Coleção Bíblica Loyola, 36).

Deste modo, Deus não responde nenhuma das perguntas de Jó. Jó tem perguntas a Deus (Jó 2- 31). E Deus tem perguntas a Jó (Jó 38-42). Portanto, a literatura de Jó não é uma teodicéia, ou seja, uma justificação da existência do mal frente à existência da bondade da divindade. Mas é uma contemplação da grandeza de Deus. É um convite à adoração (42.1-6), mesmo em meio ao sofrimento humano.

Para Lasor, Hubbart e Buch, o livro de Jó apresenta um Deus livre de todo interesse humano, e muito acima de qualquer concepção humana. É isso que se percebe nos discursos do próprio Javé. Ele é soberano sobre todo o Universo, e não se obriga a agir a partir de fórmulas pré-estabelecidas. “Nada é mais frustrante e limitador que estabelecer regras para Deus e depois ficar querendo saber por que ele não obedece a elas.”<sup>54</sup>

Por fim, sobre os discursos de Javé, há uma observação muito interessante de R. C. Sprol:

*O admirável nesse drama é que Deus nunca responde diretamente às perguntas de Jó. Ele não diz, “Jó, a razão porque tu sofres é esta ou aquela”. Em vez disso, o que Deus faz, no mistério da injustiça de tão profundo sofrer, é responder a Jó com Sua própria Pessoa. E esta é a resposta sábia à questão do sofrimento – não a resposta sobre porque temos que sofrer de alguma maneira particular, em determinado tempo e em circunstâncias peculiares, mas onde nossa esperança descansa em meio ao sofrimento.*<sup>55</sup>

### 1.2.5 Jó: provado e aprovado

O caráter de Jó é incontestável: era um homem “íntegro e correto, que temia a Deus e se desviava do mal” (Almeida Século XXI). Em Ez 14.14,20, Jó é citado na Bíblia entre homens íntegros que viveram em tempos de decadência moral. Norman C. Habel afirma que Jó viveu num mundo como o de Noé, decaído e desmoralizado. Noé representa uma nova humanidade que repovoaria a nova terra que nasceria após o dilúvio. Noé é o novo Adão. E, como Noé, Jó foi um homem íntegro que viveu num mundo corrupto.<sup>56</sup> Mas o problema de Jó não era, obviamente, sua integridade, mas sim, sua presunção de colocar sua inocência e pureza moral acima da justiça de Deus. “Sou inocente”, afirmava ele (9.21; cf. 6.29; 9.15; 10.7; 23.12; 27.4). Seu interesse não era defender a justiça de Deus, mas sim, sua integridade pessoal. Para se defender, ele chega a qualificar Deus como seu inimigo (6.4; 10.8; 12.14; 14.19; 19.6).

É interessante observar a teologia de Jó ao longo dos seus discursos, em 3 – 31. Samuel Terrien afirma que “Jó crê não em Deus, mas em sua própria concepção de Deus. Ele aspira a encontrar Deus, mas segundo suas próprias regras, a fim de fazer com que sua integridade seja reconhecida diante de todos.”<sup>57</sup>

Terrien afirma ainda que: “Ele (Jó) conclui a discussão com um recital de seus atos de virtude (31.1ss.), o que prova que ele não abandonou, como seus amigos também não abandonaram, a crença no dogma da retribuição; e essa é uma das ironias do poema.”<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.359.

<sup>55</sup> [http://pt.gospeltranslations.org/wiki/O\\_Livro\\_de\\_J%C3%B3:\\_Porque\\_o\\_Justo\\_Sofre%3F](http://pt.gospeltranslations.org/wiki/O_Livro_de_J%C3%B3:_Porque_o_Justo_Sofre%3F). Acessado em 13/04/2010.

<sup>56</sup> HABEL, Norman C.. *The book of the Job – a commentary*, p.39.

<sup>57</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.47.

<sup>58</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.47.



Mas, após os discursos de Javé (38.1 – 40.1; 40.6 – 41.26), Jó se rende à soberania e à graça de Deus. Henri de Ternay constata que existe um fio condutor em toda a obra de Jó, que vai da provação até o momento da conversão do herói.<sup>59</sup> Parece que, à luz de 42.1-6, Jó realmente teve uma nova experiência com Deus, a partir do sofrimento. Vejamos:

### ***Jó afirma a soberania divina, mesmo sem compreender seu agir: 42.2-3***

Em 42.2 Jó afirma a soberania divina: *Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.* (ARA)

O verbo hebraico traduzido por ‘saber’ significa *conhecer, aprender a conhecer, perceber, descobrir.*

Mas o que Jó compreendeu / descobriu? Na verdade ele compreendeu que ele não compreendeu. No v.3, lemos: *Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia.* (ARA)

Frente à grandiosa soberania divina (veja Jó 38 – 41), Jó apresenta sua incompetência de compreensão. Aqui encontramos a chave hermenêutica para compreendermos o livro. Pois essa compreensão de Jó não vem por respostas sistematicamente formuladas, mas pelas perguntas que Deus fez a ele (Jó 38 –41). Essas perguntas contrapõem as “palavras sem sentido”, que foram percebidas nos discursos dos seus três amigos, Elifaz, Bildade e Zofar. Tais palavras também são percebidas nos discursos de Jó no decorrer dos capítulos 3 – 31.

O fim do v.3 pode ser traduzido assim: “E não entendia aquele que faz maravilhas diante de mim, e não compreenderei”. Observe a expressão ‘e não compreenderei’ (no hebraico é um imperfeito, que denota uma ação inacabada). Então, no fim do livro, não lemos as compreensões de Jó sobre o sofrimento humano, mas suas incompreensões. E ele as expõe com um coração contrito, de quem compreendeu que Deus é soberano, mas não compreendeu o agir da soberania de Deus. Isso é um paradoxo. Sabemos que Deus é soberano, que faz todas as coisas de acordo com seus planos, mas as razões desses planos, bem como Seu agir soberano, são incompreensíveis para nós. Pois se tentarmos explicar a soberania divina de maneira plena, podemos incorrer no superficialismo das palavras.

Em 38.2, Jó já havia confessado sua ignorância: “Quem é este que escurece os meus desígnios *com palavras sem conhecimento?*”. Quais foram as “palavras sem conhecimento”? São as respostas artificiais ao sofrimento humano que foram proferidas no decorrer do livro. Foram as perguntas superficiais elaboradas por Jó, procurando por respostas artificiais para a compreensão do sofrimento humano.

### ***Jó afirma estar pronto não mais para perguntar, mas para aprender: 42.4***

Em 42.4 lemos: “eu te perguntarei, e tu me ensinarás”. Antes Jó dizia: *perguntarei, e me responderás* (13.3, 22; 30.20; 31.35). Mas no final do livro, é Deus quem pergunta a Jó (38.3; 40.2, 7), e revela a ele sua grandeza. Então Jó se viu incapacitado para responder

---

<sup>59</sup> TERNAY, Henri de. *O livro de Jó – Da provação à conversão, um longo processo*, p.15.

à argüição do Todo-Poderoso (40.4). Assim Jó jogou fora o espírito inquiridor, que falava e perguntava coisas sem sentido, e o substituiu por um coração quebrantado, disposto a ser ensinado pelo Senhor. Aliás, o verbo ‘ensinarás’, no hebraico, é o mesmo usado no v.3 (“eu não conhecia”), e aqui no v.4 significa ‘fazer saber, ensinar’. Deus ensinou a Jó que o ser humano jamais compreenderá plenamente as razões do Seu agir. Pelo menos não de imediato. O ensino é esse: por mais que o caminho no qual trilhamos seja obscuro, e de imediato não conseguimos ver o seu fim e nem sequer uma luz no fim, precisamos nos apegar nas mãos do nosso Pai celestial, e confiar na direção Dele, tal qual uma criança que confia piamente na segurança das mãos de seus pais.

### ***Jó afirma ter uma nova percepção de Deus: 42.5***

Jó teve uma nova percepção de Deus. Quando estava nas cinzas, Jó desejou ver Deus (Jó 19.25-26). “Agora os meus olhos te vêem”, diz Jó. Ele ainda estava nas cinzas, mas seus olhos viam a Deus. Sua restauração só aconteceria depois (42.10-17). Ele sentia ainda a dor física; suas feridas ainda estavam abertas; as moscas ainda vagueavam pela podridão de sua carne. Ele ainda estava abandonado por seus amigos. Ainda sofria a discriminação de pessoas que com os bisturis das palavras abriram suas feridas emocionais. Mas mesmo assim, ele pôde dizer: agora eu vejo a Deus! Jó ainda estava nas cinzas e no pó quando ‘viu’ a Deus! Ele sabe que Deus está com ele em meio ao sofrimento.

### ***Jó afirma estar arrependido: 42.6***

É isso que lemos em 42.6: “me arrependo no pó e na cinza”. Sobre o verbo “arrepender” ou “retratar-se”, atentemos para a explicação abaixo:

*“A palavra significa tomar um outro curso de ação depois de ser fortemente impelido a fazê-lo. Jó não se arrependeu de nenhum pecado, mas abandonou seu juramento firme de inocência, largou sua demanda judicial contra Deus. Já não são dois oponentes. Jó se afasta da beira da arrogância. A reconciliação está a caminho.”<sup>60</sup>*

Jó era justo (1.1-2). Mas era um justo que não conseguia contemplar as grandezas do Deus criador! Ele orava a Deus (Jó 1.5), mas não via com os olhos da fé o Deus a Quem orava! Por isso ele se arrepende. E o homem que questionou a Deus o porquê do pó e da cinza, agora, no pó e na cinza, se humilha diante deste Deus, mesmo sem compreender plenamente a ação deste Deus.

Portanto, no livro de Jó, não há uma resposta à razão do sofrimento humano. Parece que a finalidade da obra é outra: “mostrar o triunfo da fé no desnudamento completo do eu”.<sup>61</sup> É exatamente isso que se observa nos dois últimos discursos de Jó, que seguem os discursos de Javé: 40.3-5 e 42.1-6. Não resta outra coisa a Jó, senão desnudar-se de si mesmo e adorar o Criador do Universo.

## **1.2.6 A restauração de Jó**

---

<sup>60</sup> LASOR, William S; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.526.

<sup>61</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.58.

Em 42.7-9 Deus manifesta sua indignação aos três amigos de Jó, e pede para que Jó interceda por eles. É curioso que Deus em nenhum momento condena Jó, apesar deste ter condenado Deus no decorrer dos seus discursos.

Vários comentaristas afirmam que o Epílogo (42.7-17) reafirma a teologia da retribuição, ainda que com outra roupagem. Pois o fato de Deus ter restaurado a sorte de Jó, mostra que o justo (Jó) é recompensado por sua integridade. Assim, se na boca dos amigos de Jó encontramos a afirmação de que todo sofrimento é resultado de algum pecado, no Epílogo final do livro encontramos a idéia de que a prosperidade é consequência da integridade pessoal.

Mas, defender a assertiva de tais comentaristas significa, no mínimo, não entender a proposta final do livro. Pois a gratuidade, tanto a de Deus quanto a de Jó, é muito distinta do legalismo identificado nos amigos de Jó. Vejamos:

*“...Deus perdoa os amigos, restaura as posses e a família de Jó (42.10, 12015), prolonga sua vida e multiplica sua posteridade (v.16s.). Jó, por sua vez, imita a graça de Deus ao orar pelos amigos, cujos argumentos o haviam açoitado (v.10), e ao demonstrar generosidade para com as filhas (v.15).”<sup>62</sup>*

Em 42.10 lemos que Javé restaurou a sorte de Jó quando este orava por seus amigos. Incrivelmente a oração de Jó por seus amigos antecede a sua restauração.

Javé mudou a sorte de Jó, mas depois deste orar por seus amigos. Isso significa que Deus primeiro curou a alma de Jó, e só depois lhe curou seu estado econômico. Isso significa que os olhos de Jó foram abertos (42.5) quanto ele ainda estava nas cinzas, com suas feridas abertas. Agora, no epílogo, ele ora a Javé. Seu Deus não é mais seu inimigo, mas seu amigo, apesar dele ainda ser pobre e doente. Ora, que teologia da retribuição há nisso? Na verdade, “a prosperidade abundante de Jó após seu encontro com Deus era em princípio um dom da graça de Deus. Não era um prêmio conquistado por ele ter enfrentado o sofrimento.”<sup>63</sup>

Portanto, identificamos no Epílogo o papel da graça na relação entre o homem e Deus. Neste ponto, as palavras de Samuel Terrien são oportunas:

*“...o amor puro do homem para com Deus é letra morta. Como ‘satã’ na narração popular, nem Jó nem seus amigos acreditam realmente que o homem pode servir a Deus ‘por nada’. Além disso, o que é ainda mais grave, não compreenderam a misericórdia de Deus. Para eles, a religião é mercado, a humildade, uma apólice de seguro, e a moralidade, uma moeda que compra a paz da alma e a prosperidade.”<sup>64</sup>*

Entretanto, a meu ver, é exatamente contra essa religião mercantilista e interesseira que o livro de Jó se posiciona. Satanás apostou: será que Jó teme a Deus “por nada” (1.9)? Mas o exemplo de Jó silenciou Satanás. Pois o herói teve seus bens restaurados, como se lê em 42.12-17, mas bem antes disso, ele se arrependeu do seu conceito mercantilista de religião, e afirmou ter uma nova experiência com Deus (42.1-6), independente de sua situação econômica. Jó finalmente temia a Deus sem interesses. No fim do livro, Jó adorou a Deus não por causa das bênçãos de Deus, mas adorou a Deus por aquilo que Ele é. Essa é a grande lição do livro de Jó.

---

<sup>62</sup> LASOR, William S.; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.526.

<sup>63</sup> LASOR, William S.; HUBBART, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p.540.

<sup>64</sup> TERRIEN, Samuel. *Jó*, p.49.

## EXERCÍCIOS

1) O livro de Jó está estruturado sob duas formas literárias: Prosa e Poesia. Comente sobre a relação entre essas duas formas literárias, bem como sobre a importância da unidade do livro de Jó.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2) Nos dois primeiros capítulos do livro, lemos que Jó aceitou pacificamente seu sofrimento. Mas a partir de 3.1, ele amaldiçoou o dia do seu nascimento. Como explicar essa disparidade? Seriam duas “imagens” diferentes de Jó?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3) Será que a Igreja contemporânea não pode incorrer no mesmo discurso dos amigos de Jó? Quais discursos vazios e sem sentido devem ser evitados na explicação da razão do sofrimento?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

